

Do fundo do sonho

Perto de completar 30 anos, Brasília é revista por algumas pessoas entre afeto e cisma



Marina Cirnel

CELSO ARAÚJO

Abril é o mês de Brasília. Daqui a 20 dias, a cidade festeja (ao que parece, sem muita festa) os seus 30 anos de fundação. Sonho secular, premonição mística de Dom Bosco, idéia dos inconfidentes, a cidade se fez em quatro anos, erguendo-se do barro e do cerrado, no mais cobiçado território do Planalto Central. Aqui, urbanismo e arquitetura fundiram-se numa concepção de cidade única em todo o mundo.

Para a escritora Clarice Lispector, autora do texto mais ousado e misterioso sobre a cidade, Brasília é de um passado esplendoroso que já não existe mais. Clarice estava perto dos místicos e crentes de uma centena de seitas mundiais que divisam Brasília como uma nova terra prometida, ou o exemplar moderno de uma cidade egípcia destinada a sediar a fé humana a partir do próximo milênio.

Delírios religiosos à parte, se dependesse dos mestres, Brasília já seria esse Nirvana latino-americano. Brasília já foi o Eldorado dos candangos, a sede de uma Ditadura esclarecida, a Ilha da Fantasia e até mesmo um polêmico exemplar da impotência pós-moderna. Mas se há alguma coisa que ninguém pode negar é o fato de Brasília provocar nos espíritos um espanto e um impacto que só encontram explicações na poesia. "Nos primeiros dias fiquei sem fome. Tudo me parecia que ia ser comida de avião. De noite estendi meu rosto para o silêncio. Sei que há uma hora incógnita em que o maná desce e umedece as terras de Brasília", escrevia a mediúncia Clarice Lispector.

Com uma população que se aproxima dos 2 milhões de habitan-

tes, Brasília ainda se ergue nas contradições da sua História. E mesmo que tenha sido calada e ocultada por alguns difíceis anos, Brasília começa a falar a sua própria língua e a andar com seus próprios passos. Uma cidade não aniversária, decai, disse há uma década um poeta que não suportou os desmandos cerebrais da pequena política interna.

Se o Brasil quiser adotar alguma atitude de reconhecimento mundial, de ressonância moderna, de progresso que se faz para o futuro, não pode mais ignorar Brasília. É preciso respirar fundo para vivê-la, ir até o fundo de cada sonho para compreendê-la cidade e mistério.

Siron Franco — artista plástico — "Eu morei em Brasília no ano de 68. Era uma época barra pesada, mas fiz grandes amigos, sou apaixonado pela cidade. Tem uma coisa legal para as crianças. O que me chama a atenção no espaço urbano é que as pessoas fazem o seu próprio caminho. Isso leva um urbanista a pensar. O povo corta caminho literalmente. Parece até caminhos de formiga. Eu gostaria de fazer uma instalação nesses chamados "caminhos de rato". Em outubro, quero fazer aí em Brasília uma bandeira brasileira com mil caixõesinhos de crianças e levar para o Congresso, porque há milhares de crianças morrendo de fome em todo o País. Brasília é a cidade mais perfeita pra se fazer uma arte de interferência urbana. Não sei como é hoje a vida cotidiana e não deve ser fácil como funcionário público. A distância entre Brasília e Goiânia não é quilométrica, é política. Pretendo montar um ateliê ainda aí na cidade".

Fernando La Rocque — antropólogo — "Gosto muito de Brasília. É uma cidade calma, voltada para os astros, você tem 360 graus de visão, está mais perto das estrelas. Pa-

ra alguns, esse silêncio é sinônimo de tédio mas ele tem muito de espiritual. Acredito mesmo que Brasília será a capital do Terceiro Milênio. É uma região de cristal, a cidade está assentada sobre um grande cristal. Brasília vai atravessar os tempos. Eu cheguei aqui em 64, com oito anos de idade. Há alguns anos, a cidade tinha muito de uma maquete desabitada, era fria, distante, mas isso já passou. O que pode atrapalhar é o fato de ser uma cidade oficial. Uma amiga minha disse que Brasília, se tivesse mar, seria perfeita. Há, por outro lado, o centro da cidade, o Plano Piloto, que é como uma redoma, afastado das cidades-satélites, o que afasta um pouco esse conteúdo humano. Mas com o tempo, a mistura será maior e inevitável".

Alexandre Garcia — jornalista — "Estou há quatorze anos em Brasília e gostaria de ter nascido aqui. Acho que é a melhor cidade do mundo. Foi um amor à primeira vista, desde março de 76. Aqui nasceram meus filhos e aqui plantei minhas raízes. O que me faz gostar tanto de Brasília é o fato de que ela ao mesmo tempo tem a tranquilidade do interior e os recursos de uma cidade grande. Não sinto falta de nada, tenho horizontes amplos, o céu, ar puro, o lago, o verde, o silêncio e a cidade organizada. Eu fico até com medo de que Brasília cresça mais ainda e perca essas características. Ao contrário do que dizem, é uma cidade de muito calor humano, em que as pessoas têm mais tempo pras suas famílias e seus amigos. Não se perde tempo no trânsito e não há todo o barulho e as neuroses das grandes cidades. Aqui se pode frequentar a casa dos amigos. Ela até força o encontro consigo mesmo. Brasília te ensina um pouco de humildade. A gente descobre como é pequeno. No caso da minha profissão, a gente descobre o

quanto o poder é passageiro. Fico com a impressão de que Brasília é a cidade onde qualquer psicanalista morreria de fome. Ela própria é uma terapia, desde que as pessoas saibam descobri-la".

Cesar Mendes — jornalista — "Brasília é uma cidade diferente de todas as outras que conheci. É uma cidade tímida, não se mostra com facilidade. A maneira de se curtir a cidade não é como quem chega ao Rio ou a uma cidade do litoral nordestino, ela não se expõe. É preciso insistir, ir atrás das coisas. As pessoas são fechadas, distantes e os espaços mais ainda. Nasci aqui e não sinto isso, mas ouço muito o que as pessoas que vêm de fora falam, ou reclamam. O que não gosto na cidade é esse excesso de clientelismo, de contaminação do funcionalismo público, de OI, ou seja, quem indicar. É muito difícil você tocar um projeto, especialmente na área cultural. Não gosto de ouvir as pessoas reclamando de Brasília. Se não gostam, por que estão aqui? Gosto muito dessa mistura".

Eurico Rocha — estilista — "Sempre que se fala em Brasília, penso em algumas coisas que outras pessoas disseram. O poeta Nicolas Behr achava que aqui seria a última fronteira. Meu pai, por outro lado, acha que Brasília é um reformatório de almas. E eu acho que a cidade é como a espada de Excalibur. O que estraga Brasília, obviamente, são os políticos. No aspecto urbano, Brasília é de uma linha moderníssima para todo o mundo, mas isso ainda não teve reflexo no social, na população. No meu trabalho com moda, eu busco traduzir isso e acho que ainda estamos longe de chegar a isso, de ter uma cultura de extrema simplicidade e sofisticada. É até cafona falar em consciência cósmica, mas Brasília é um radar planetário, tem algo de celestial, a in-

formação vem do espaço. Um dia, haverá o folclore de Brasília. Se continuar sendo só de uma elite, será pseudo e cafona. Pode até ser que surja aqui uma moda country, uma moda ecológica, com os núcleos rurais, gente vivendo em pousadas. Me alimento dessa coisa crua que ainda tem aqui, do barro, de uma realidade cultural que ainda busca sua identidade".

Humberto Havdt — psicanalista — "Gosto especialmente de Brasília porque ela é uma coisa nova a cada dia. Não é só por ser uma cidade nova, e ela já é maior de idade, mas por ser uma aventura. Às vezes, eu lamento profissionalmente isso de não ter raízes, porque sou um autor de Brasília e as coisas daqui são abafadas. Por outro lado, não tenho que ter necessariamente para os meus dias os frutos do meu trabalho. Eu o faço com gozo desde já. O que existe de barreiras de outros lugares pra minha produção chega até a mim como notícias longínquas. Eu não vivo a reboque do que os outros estão fazendo por aí. Isso me levou à coisa mais séria de tudo, que é a origem. Há uma coisa grandiosa, aqui, do Egito e uma coisa poderosa da Grécia, pairando no ar. Egito e Grécia são como que a sopa primordial de onde vem a vida pensante, inteligente, da sofisticação, do grande pecado, do erro irreparável. Brasília tem uma coisa trágica, é um erro boçal. Agora, vai ter que dar certo a qualquer custo. Não adianta vir com os seus preconceitos ou sua culturazinha, porque você é engolido, vai cair no ridículo, vai cair nesse grande buraco. Tudo aqui é destruído, vira elemento basilar que ninguém sabe ainda o que é. Brasília é uma cidade em fermentação, é muito incipiente ainda o que se cultiva. Em termos de cafonália, eu apontaria a proliferação religiosa. Vira e mexe, ela transforma até a cachaça numa seita. Brasília foi ainda a sede

de fundação de uma linguagem extremamente religiosa, que é o economês. Foi aqui que o economês se desenvolveu. Outra coisa que se precipita aqui é a psicologização da vida, que é uma maneira zurrapa, aguada, de se dizer do que não se entende. Quando eu vim para Brasília, era solteiro, tinha casa, automóvel e telefone. Tenho visto gerações e gerações de gente que passam por aqui, ocupam o poder, fazem sua patota e não conseguem destruir Brasília. Brasília não é um espaço físico, é um espaço construído com palavras, com desenhos pertinentes. Aprendi essa coisa dos faraós e dos deuses com o Juscelino Kubitschek. Foi desse espaço que pude descolar a Psicanálise do meu sonho e pude fundar o Colégio Freudiano. Se me perguntam, como acontece, se é verdade que Brasília faz doença mental, eu respondo: Brasília deve produzir doentes mentais assim como eu. E morro de rir".

Arthur Omar cineasta — "Conheço Brasília de ir algumas vezes com objetivos muito precisos, percorrendo os corredores a negócios. De qualquer modo, Brasília seria uma prova objetiva da falência da razão ocidental. Porque quiseram construir uma cidade perfeita e ao mesmo tempo produziram um resultado que me parece inabitável. A idéia da superquadras é interessante, original. Mas temos que rever a questão da racionalidade. Ele é toda fragmentada racionalmente. Se você está no Setor Hoteleiro, você só tem hotéis à sua frente. Não há surpresas. Brasília é, portanto, a cidade mais irracional do mundo. Ela só funciona no papel, é a razão elevada ao nível do absurdo total. Essa é uma visão de quem a vê de fora e sente que é praticamente impossível estar. Não tem cantos, recantos, não combina nada de heterogêneo, que é o que faz pulsar uma cidade".